

Socioeducação: Fundamentos e Práticas

Carmem Maria Craidy
Karine Szuchman

Organizadoras



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica

Jane Fraga Tutikian

EDITORA DA UFRGS

Diretor

Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial

Álvaro Roberto Crespo Merlo

Augusto Jaeger Jr.

Carlos Pérez Bergmann

José Vicente Tavares dos Santos

Marcelo Antonio Conterato

Marcia Ivana Lima e Silva

Maria Stephanou

Regina Zilberman

Tânia Denise Miskinis Salgado

Temístocles Cezar

Alex Niche Teixeira, presidente

Socioeducação: Fundamentos e Práticas

Carmem Maria Craidy

Karine Szuchman

Organizadoras

© dos autores
1ª edição: 2017

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coordenação da Série:
Laura Wunsch, Gabriela Trindade Perry, Tanara Forte Furtado e Marcelo Ferreira

Capa: Ely Petry
Projeto gráfico: Editora da UFRGS
Editoração eletrônica: Tiago Dillenburg

Esta obra é resultado do curso “Educação no Sistema Nacional Socioeducativo”, financiado pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) através do Centro de Formação de Professores (FORPROF) no ano de 2014.

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.



S678 Socioeducação: fundamentos e práticas [recurso eletrônico] / organizadoras Carmem Maria Craidy [e] Karine Szuchman ; coordenado pela SEAD/ UFRGS. – Dados eletrônicos. – 2. ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

265 p. : pdf

(Série Ensino, Aprendizagem e Tecnologias)

Inclui referências.

1. Educação. 2. Psicologia social. 3. Medidas socioeducativas. 4. Justiça. 5. Inclusão social. 6. Saúde. I. Craidy, Carmem Maria. II. Szuchman, Karine. III. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. IV. Série.

CDU 37.017.4-053. 6

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0364-1

Juventudes na atualidade: abordagens e conceitos

Maurício Perondi¹

Maria Stephanou²

1. AS JUVENTUDES EM PAUTA

Nos últimos anos, pelo menos nos últimos vinte anos, os jovens, como indivíduos de uma geração, têm tido destaque em diversos âmbitos: nos meios de comunicação, nos estudos acadêmicos, nas esferas governamentais, nas políticas públicas, nas discussões jurídicas e educacionais, na medicina, além de serem lembrados como exemplos em vários assuntos cotidianos sobre escola, saúde, violência, sexualidade, música, moda, corpo, comportamentos culturais, etc. Mas por que isso vem acontecendo? Os motivos são vários e aqui vamos elencar alguns deles.

O primeiro motivo é a demografia juvenil, visto que o período do final da década de 1980 até os dias atuais corresponde ao momento histórico em que o Brasil passou a ter a maior população de indivíduos jovens desde que o primeiro Censo demográfico brasileiro foi realizado em 1872, portanto, há quase 150 anos. De acordo com o Censo de 2010 (IBGE, 2013), nosso país possui aproximadamente 51,3 milhões de jovens com idade entre 15 e 29 anos, o que é próximo de 27% de toda a nossa população, ou seja, mais de um quarto da população total.

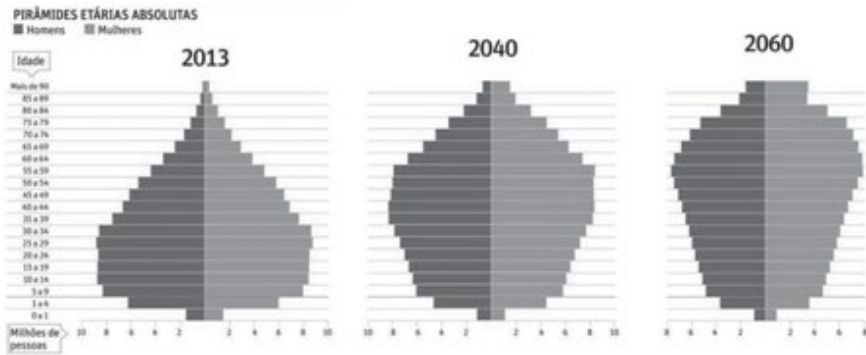
Se observarmos as pirâmides etárias no gráfico abaixo, é possível perceber que é expressivo o número de jovens na demografia brasileira. Contudo, a projeção para o futuro aponta que o percentual de jovens irá diminuir signifi-

1 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do Observatório Juventudes PUCRS. *E-mail*: <mauricioperondirs@gmail.com>.

2 Doutora em Educação e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail*: <mastephanou@gmail.com>.

cativamente nas próximas décadas. Desse modo, no momento presente é que precisamos dar atenção especial a este segmento específico, tão diverso e singular, ao mesmo tempo em que denominamos no plural, juventudes brasileiras.

Gráfico 1 – Pirâmides etárias absolutas



Fonte: IBGE, 2013

O segundo motivo que tem suscitado muitas atenções aos jovens é a dimensão da violência, visto que, em muitas ocasiões, eles são apontados como emblemas dos problemas sociais e responsáveis pelo aumento nos índices de violência, conforme vemos mais adiante.

O terceiro motivo são os novos meios de comunicação ou a chamada revolução digital que estamos vivenciando nessas primeiras décadas do século

XXI. É difícil pensar a condição juvenil sem relacioná-la com o mundo digital, especialmente a internet e as tecnologias de comunicação. Prensky (2001) refere-se aos jovens nascidos no final da década de 1990 e início dos anos 2000, como os nativos digitais, ou seja, aqueles que, desde a infância, estão em contato com diversos aparatos eletrônicos e imersos no mundo digital. Isso significa que eles não só utilizam essas tecnologias, mas que elas também contribuem para que se desenvolva uma cultura juvenil diferenciada: jovens que aprendem, relacionam-se e se constituem como sujeito de um modo diferente dos jovens de outras gerações e, sobretudo, das gerações adultas.

O quarto motivo é o fato de que, até pouco tempo atrás, a juventude era considerada somente uma fase de transição para a vida adulta e que, portanto, não necessitava de atenção especial, visto que os jovens “em breve” se tornariam adultos. No entanto, pelo menos desde o fim da Segunda Grande Guerra

e mais fortemente nas últimas cinco décadas, as mudanças sociais e culturais em escala global oportunizaram o surgimento de uma cultura juvenil com características e manifestações próprias, além de um mercado de consumo com forte apelo aos produtos associados ao ser jovem. Isso explica, ainda, porque os jovens passaram a estar no centro das atenções e a consequente necessidade de conhecer e aprofundar quem são, o que pensam, como se sentem, como se organizam e quais seus anseios. O quinto motivo tem a ver com os desafios educacionais. Aqui, a questão que se apresenta é: Como formar as novas gerações? As instituições educativas, os professores e pais questionam sobre a necessidade de atualização dos processos pedagógicos, de modo que venham a produzir interesses e sintonias dos estudantes jovens e suas culturas juvenis com a escola. Os jovens vêm experimentando novas formas de aprender e ensinar, alterações nas relações de autoridade, de poder e de saber, pois percebem que não são mais aqueles que têm apenas de aprender os conhecimentos que os adultos têm a ensinar. Eles também ensinam muitos conhecimentos e competências à geração adulta, questionam suas crenças, e isso tudo implica um profundo movimento de repensar as práticas educativas.

Há ainda outros motivos para a atenção redobrada às juventudes em nossos dias, mas foram aqui citados aqueles considerados como mais relevantes para essa compreensão. E é bom frisar que, quando o assunto são os jovens, há diferentes modos de percebê-los, isto é, diferentes abordagens sobre as juventudes. Vejamos algumas dessas abordagens sociais e de pesquisa sobre os jovens e quais conceitos de juventudes e de culturas juvenis têm sido mais enfatizados atualmente. Vale lembrar que, por vezes, essas diferentes abordagens convivem numa mesma instituição, escola ou num mesmo coletivo de trabalho com jovens, o que pode causar algumas incompreensões, disputas e conflitos, ou mesmo alguns pontos de vista complementares que podem enriquecer nosso olhar e nossas ações acerca das juventudes e junto com os jovens. Por isso, destacamos, ao final do texto, o que tem sido discutido sobre juventudes e políticas públicas.

2. ABORDAGENS SOBRE AS JUVENTUDES

Não vejo esperança para o futuro do nosso povo se ele depender da frívola mocidade de hoje, pois todos os jovens são por certo, indizivelmente frívolos... Quando eu era menino, ensinavam-nos a sermos discretos e a respeitar os mais velhos, mas os moços de hoje são excessivamente sabidos e não toleram restrições.
(Hesíodo, séc. VIII a.C.)

Nossos jovens atuais parecem amar o luxo. Têm maus modos e desprezam a autoridade. São desrespeitosos com os adultos e passam o tempo vagando pelas praças... São propensas a ofender seus pais, monopolizam a conversa quando estão em companhia de outras pessoas mais velhas, comem com voracidade e tiranizam seus mestres.
(Sócrates, séc. V a.C.)

Estes dois pensamentos sobre os jovens datam de um período histórico deveras distante, mais de 25 séculos, mas curiosamente sugerem uma visão sobre os jovens que parece ainda ecoar nos dias atuais. Eles também revelam que, muitas vezes, o mundo adulto teve e continua tendo dificuldades de se relacionar com os jovens e de olhá-los de uma maneira positiva. O ponto de vista dos dois pensadores que ilustram a abertura desta seção enfatiza uma suposta falta que os jovens representam e aspectos negativos da sociedade em que vivem, mas que são atribuídos como se fossem próprios dos jovens daquele contexto.

Apesar de distantes historicamente, discursos similares a esses continuam se fazendo presentes em nosso cotidiano, ainda que com outras palavras e expressões, mas com o mesmo sentido de limitação do olhar sobre os jovens. Os próprios jovens reconhecem esses discursos, como é possível perceber na fala de uma jovem, transcrita a seguir:

Passei alguns dias me perguntando o que vocês esperavam que eu dissesse essa manhã, foi então que eu concluí que a maioria das pessoas não espera nada de uma jovem aos 17 anos. Essa conclusão me levou a uma série de perguntas. Por que as expectativas sobre os jovens são tão ruins? Por que drogas, bebidas, irresponsabilidade e inconstância são palavras sempre citadas quando o assunto é juventude? Por que o número de pessoas que tem a oportunidade de estar

aqui onde eu estou (Assembleia Legislativa) é tão pequeno? (JENNIFER, 17 anos, Porto Alegre – Audiência Pública na AL)³

A visão que temos dos jovens depende do olhar que lançamos sobre eles, das escutas que fazemos ao que dizem, das conversas que temos com eles e daquilo que construímos na relação com eles (PERONDI, 2010). Isso explica, por que se faz necessário refletir sobre nossas ideias e atitudes frente aos jovens. É sobre esses aspectos, precisamente, que nos deteremos a partir daqui, de modo a destacar abordagens sociais mais frequentes sobre os jovens. Nosso intuito é que esta ênfase auxilie a desconstruir alguns rótulos e concepções que explicam, por qual motivo pensamos de determinada maneira e como nos relacionamos com os jovens mais próximos e também mais distantes em nossa vida cotidiana.

2.1 JUVENTUDE COMO ETAPA PREPARATÓRIA

Esta é uma abordagem sobre os jovens que enfatiza a ideia de preparação para o futuro em prejuízo de uma valorização do momento presente. Desse modo, “a condição juvenil é um momento de aprendizado e formação, devendo os jovens ser educados para o enfrentamento dos desafios futuros correspondentes à vida adulta”. (CARA; GAUTO, 2007, p. 171). Este pensamento sobre os jovens os coloca numa dimensão de *vir a ser* e, por consequência, desconsidera as práticas e significados de suas vivências como sujeitos que experimentam o sentido do presente.

Daí decorre que a juventude é considerada apenas como uma fase de transição para a vida adulta e não como um momento de intensas experimentações e, portanto, que possui características, demandas e especificidades próprias da condição juvenil.

A abordagem da juventude, como etapa preparatória, repercute em políticas e projetos voltados aos jovens tendo como caráter principal um tipo de educação que visa a prepará-los para o que virá no futuro, uma espécie de moratória social (MARGULIS, 1996), ou seja, um tempo concedido aos jovens para completarem sua formação, preferencialmente sem o ingresso no mercado de trabalho, até atingirem uma suposta maturidade social.

³ Audiência Pública sobre o Projeto Curta Juventude na Educação, promovido pela Associação Nacional de Educação Católica (ANEC) e pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 21 de outubro de 2013.

Esta abordagem já se mostrou bastante limitada. Os próprios jovens percebem como é difícil fazer projetos de longo prazo num tempo de mudanças aceleradas e futuro incerto. Desejam afirmar-se como protagonistas no aqui e agora.

Também decorrem desta visão de etapa preparatória certos preconceitos de que os jovens não têm responsabilidades e não têm maturidade para assumirem compromissos.

2.2 JUVENTUDE COMO PROBLEMA

Provavelmente, esta seja uma das visões mais presentes e das mais enfatizadas sobre os jovens, talvez aquela que gera uma grande atenção da sociedade sobre eles. Questões como a violência, as drogas, a gravidez precoce, o desemprego juvenil, a falta de interesse pela política, etc., a partir dessa abordagem, *são comumente associadas aos jovens*.

Contudo, esta abordagem “contempla uma série de riscos, sendo os jovens as principais vítimas dos problemas sociais que ameaçam a ordem nacional, com ênfase para questões relacionadas às áreas de saúde e de segurança pública”. (CARA; GAUTO, 2007, p. 172)

Esta compreensão sobre a juventude acaba por limitar o olhar que se tem sobre os jovens, visto que ficam em evidência a falta ou a negatividade, gerando medo e afastamento. Além disso, são reforçados vários estereótipos associados aos jovens, ao invés de visões positivas, que abarquem as múltiplas dimensões da condição juvenil.

2.3 JUVENTUDE COMO MODELO

Outra abordagem parece totalmente contrária àquela que percebe o jovem como problema. Trata-se da percepção da juventude como modelo cultural: os jovens como modelos a serem imitados, a juventude como a fase da vida que se quer prolongar. Se em outros tempos históricos o ideal era ser adulto, atualmente o desejo recai sobre a juventude. Especialmente, a partir do advento da indústria cultural e do mercado de consumo, os jovens passaram a configurar-se como o modelo a ser buscado. Este fenômeno acontece tanto para as crianças e adolescentes que desejam ser jovens, o mais rápido possível,

como também pelas demais gerações que tendem a querer manter a aparência e estilos de vida pretensamente jovens.

De acordo com Peralva (2007), quando o jovem passou a ser o modelo cultural, a característica marcante foi a valorização da juventude associada a valores e estilos de vida que todos almejam, e não mais a um grupo etário específico. Nas palavras de Kehl (1998, p.1), ser jovem virou um slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico para todos. A visão do jovem como modelo, assim como a visão do jovem como problema, é limitada para a percepção das juventudes em sua complexidade, uma vez que enfatiza apenas uma de suas dimensões.

A existência de duas visões antagônicas sobre os jovens (problema e modelo) acaba por gerar um paradoxo na compreensão sobre as juventudes. De uma parte, “os jovens são anjos que nos maravilham” e, de outra, são “monstros que nos assustam (ou, para dizê-lo no feminino, princesas que nos encantam e víboras que nos devoram).” (FEIXA, 2004, p. 257)

O desafio que se apresenta é tentar superar estas duas visões no intuito de ampliar o horizonte de compreensão das juventudes.

2.4 JUVENTUDE COMO SUJEITO DE DIREITOS

Esta abordagem considera que os jovens se encontram numa fase singular do seu desenvolvimento pessoal e social, sendo considerados como sujeitos de direitos, que possuem características e demandas próprias. (CARA; GAUTO, 2007)

As políticas e projetos para os jovens são centrados na noção de cidadania e a partir de uma concepção de que são sujeitos integrais. (ABRAMO, 2005)

Ao contrário das abordagens anteriores, centradas nos desvios ou na incompletude, considerar os jovens como sujeitos de direitos leva a valorizar as potencialidades e as possibilidades que eles apresentam e desenvolvem.

O Estatuto da Juventude (Lei n.º 12.852, de 5 de agosto de 2013) contribui para afirmação desta abordagem. Como ela é muito recente no Brasil, ainda necessita consolidação e trabalho para que superemos as visões restritivas que há sobre os jovens.

3. CONCEITO DE JUVENTUDES E CULTURAS JUVENIS

Nos últimos quinze anos, no Brasil mudança expressiva aconteceu na teorização sobre juventude, desde a sua conceituação até a ênfase na dimensão cultural, como instância que produz as juventudes tais como elas são concebidas atualmente. Os jovens deixaram de ser apenas compreendidos como se estivessem em transição para a vida adulta, ou então como se fossem apenas um contingente de indivíduos abrangidos por determinada faixa etária.

Tornou-se quase um consenso conceber a juventude em sua diversidade, tanto que o plural *juventudes* substituiu o singular e passou a ser largamente adotado. O uso do plural reage ao fato de que, nas abordagens mais tradicionais sobre juventude, os jovens são pensados como integrantes de uma cultura juvenil homogênea. Viver a juventude num mesmo tempo pode levar jovens de diferentes contextos sociais e culturais a partilharem linguagens, estilos, sentimentos, práticas e valores comuns. Mas o modo como experimentam o que os identifica como jovens é vivido de forma diferente a partir de diferentes situações em que se encontram, em especial, seu grupo social, etnia, gênero, territorialidade, religião, etc. Isso implica perceber a diversidade dos modos como os jovens vivem a condição juvenil de um mesmo tempo/espaço/cultura. Um dos aspectos centrais que geralmente se coloca no debate sobre juventude diz respeito à idade. Questões como “quando começa a juventude? Até que idade vai? Por que em outros lugares o período da juventude é maior?” são recorrentes nesta discussão. Segundo Novaes (2006, p. 105),

Os limites de idade não são fixos. Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho –, uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais.

Mesmo com esta dificuldade de precisar a idade correspondente à juventude é importante tomar conhecimento das caracterizações que estão sendo adotadas em diversos âmbitos. Dentre estas, encontra-se a concepção adotada pela UNESCO, que define a juventude como aquelas pessoas que têm entre 15 e 25 anos.

No Brasil, outro enfoque tem sido abordado pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e pelo Estatuto da Juventude, que apontam a faixa etária da juventude como sendo dos 15 aos 29 anos.

[...] trata-se de uma fase marcada centralmente por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida. Essa fase do ciclo da vida não pode mais ser considerada, como em outros tempos, uma breve passagem da infância para a maturidade, de isolamento e suspensão da vida social, com a tarefa quase exclusiva de preparação para a vida adulta. Esse período se alongou e se transformou, ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas. (ABRAMO, 2005, p. 31)

3.1 CULTURAS JUVENIS

3.1 CULTURAS JUVENIS

Conforme vimos, as mudanças sociais, com relação às juventudes, geram o surgimento das culturas juvenis e pressupõem a necessidade de pensarmos quais são as formas pelas quais os jovens estão situados na sociedade. Urteaga (2011) destaca que existem duas formas principais de fazê-lo. A primeira corresponde a uma *construção sociocultural* do que é o juvenil, a partir das instituições hegemônicas (família, escola, trabalho, instituições religiosas, partidos políticos, associações intermediárias, exército, indústria cultural, meios de comunicação de massa, órgãos de vigilância e controle social). De modo geral, estas instituições têm definido os jovens como sujeitos passivos, que devem preparar-se e qualificar-se para acessar, no futuro, a esfera adulta. Segundo a autora, esta projeção de lugar no futuro torna invisíveis os jovens no presente. A segunda forma é a da *construção juvenil da cultura*, que corresponde aos territórios ou espaços de sociabilidade juvenil, criados pelos próprios jovens nos interstícios dos espaços institucionais, como a escola, a indústria do entretenimento, o bairro, etc. e, sobretudo, em seus tempos livres (rua, cinema, música, festas, lugares de diversão, etc.). O diferencial desta segunda maneira é que os jovens, através da interação com seus pares, participam dos processos de criação e de circulação cultural e social como agentes ativos. (URTEAGA, 2011, p. 38)

Urteaga (2011) destaca que esta segunda maneira de compreender os jovens corresponde à noção das culturas juvenis, que teve grande impulso com os estudos do antropólogo catalão Carles Feixa, convertendo-se numa importante chave interpretativa da heterogeneidade cultural dos jovens a partir de sua participação na construção de novos espaços sociais que interagem com as culturas hegemônicas e com as próprias culturas geracionais.

O uso da noção das culturas juvenis é muito importante para a compreensão das abordagens recentes sobre os jovens, em que eles são situados de uma maneira diferenciada, com maior visibilidade e a partir da ideia de que produzem uma cultura diferenciada, são sujeitos de inovações culturais e têm condições de participar de diferentes espaços sociais, manifestando suas contribuições.

4. POLÍTICAS PÚBLICAS DE/PARA/COM JUVENTUDE

O Estado brasileiro é marcado por uma deficiência histórica na proposição de políticas públicas de juventude. Até o início dos anos 2000, eram praticamente inexistentes políticas para jovens articuladas em âmbito nacional. A partir da organização de entidades de juventude e da pressão de movimentos sociais, o tema passou a ter maior importância no âmbito público.

Podemos apontar três processos de abrangência nacional que marcaram o debate sobre as políticas públicas de juventude: o Projeto Juventude, do Instituto Cidadania; a Comissão Especial Extraordinária de Juventude (CEJUVENT) e o Grupo Interministerial de Juventude.

A partir desses processos, foram realizadas audiências públicas sobre o tema e, em 2003, foram promovidos a Semana Nacional de Políticas Públicas de Juventude e o Seminário Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Tais ações motivaram a elaboração de uma estrutura para poder organizar as demandas desses movimentos, culminando, em 2005, com a criação da Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República, do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e do ProJovem, programa central da política de juventude. Cabe salientar que o Brasil foi um dos últimos países da América Latina a criar um organismo próprio de juventude. Isso demonstra a dívida histórica com as políticas de juventude em nosso país.

Outro espaço criado para contribuir com a definição de prioridades de projetos foram as Conferências Nacionais de Juventude. A primeira foi realizada em 2008, a segunda, em 2011; a terceira ocorrerá no final de 2015. Essas instâncias nacionais foram precedidas por conferências municipais e estaduais, além de diversas organizações terem realizado conferências livres. Este processo tem na sua origem o pressuposto de que não basta propor políticas “para” as juventudes, é preciso fazer “com” as juventudes. Por isso, o foco são as “políticas de/para/com a juventude”.

De outra parte, reconhecemos que as conferências não garantem a ampla participação de todos os coletivos jovens, governos, instituições, como seria desejável. Contudo, muitos coletivos juvenis e muitos jovens puderam se envolver neste processo.

Recentemente (em 2013), a Secretaria Nacional de Juventude criou um espaço virtual para a participação juvenil e de entidades que atuam com os jovens. Trata-se do *Participatório*:⁴ Observatório Participativo da Juventude, ambiente virtual interativo com o objetivo de produzir conhecimento sobre/ para/ pela juventude brasileira e de fomentar participação e mobilização social. Além dos jovens, participam deste espaço redes, coletivos, movimentos sociais, gestores, pesquisadores, parlamentares, todos que queiram contribuir e integrar-se às discussões propostas. O que é debatido pode vir a auxiliar, por exemplo, no aperfeiçoamento ou na criação de políticas públicas, legislação, produção de conhecimentos e outras questões relevantes para a juventude brasileira. É, enfim, um espaço qualificado para o diálogo, o debate e a interação de jovens, gestores, pesquisadores e demais formuladores em torno das políticas para juventude promovidas pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e por outros órgãos do poder público.

O ambiente virtual do Participatório está organizado em diversos tipos de ambientes:

- Boletins Temáticos – bimestrais, produzidos em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), com análise de dados sobre temas específicos que tem impacto sobre a juventude (educação, trabalho, cultura, saúde, dentre outros).

⁴ Disponível em <<http://juventude.gov.br/participatorio>>. Este nome surgiu no contexto das oficinas e diversas atividades envolvendo grande número de interlocutores, que culminaram no desenho deste ambiente virtual, cujo nome brinca com as diretrizes principais do projeto: participação social e observatório, juntando-os, daí Participatório.

- Revista Eletrônica Juventude e Políticas Públicas – publicação técnico-científica com seleção pública de trabalhos, de tiragem semestral.
- Biblioteca Digital – reúne em um único local virtual a produção bibliográfica da SNJ, do CONJUVE e também de repositórios de universidades sobre juventude.
- Centro de Documentação e Pesquisa sobre Juventude e Políticas Públicas (CEDOC-PPJ): espaço de referência para documentação do acervo da SNJ e do CONJUVE, aberto ao público e também disponível virtualmente por meio de uma biblioteca digital.
- Rede de Pesquisadores de Juventude – espaço para divulgação sobre pesquisas em desenvolvimento e articulação de pesquisadores, intuições, observatórios que trabalham com as temáticas juventude e políticas públicas.

Como vimos, as políticas públicas destinadas aos jovens ainda estão em estágio inicial de estruturação em nosso país. Ainda faz-se necessária maior articulação de forças dos órgãos governamentais, das entidades da sociedade civil organizada, da academia e da própria participação juvenil para ampliar e qualificar o seu desenvolvimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos abordar alguns dos motivos pelos quais os jovens têm sido uma geração de muitas atenções na sociedade contemporânea. Há, de fato, grande interesse pelas questões das juventudes, mesmo que não prevaleça uma perspectiva positiva, pois, muitas vezes, este interesse está centrado na preocupação que os jovens supostamente trazem para o meio social.

Discorremos sobre os vários modos de abordar as juventudes, tais como aqueles que as concebem a partir de uma visão restritiva, apenas como fase preparatória para a vida adulta, como problema ou como modelo cultural. Por outro lado, há também a percepção de que os jovens, a partir de uma visão mais abrangente, são sujeitos de direitos a caminho da autonomia. Este olhar mais positivo, que focaliza as possibilidades e não as restrições, ainda é uma construção inicial que precisa de aprofundamento, especialmente nos espaços educativos.

Outro aspecto destacado é que não podemos compreender os jovens a partir uma visão homogeneizante, como se todos fossem iguais e vivessem as

mesmas situações. Em vista disso, faz-se necessária a adoção da denominação *juventudes*, no plural, de modo a dar visibilidade à diversidade de seus sujeitos e coletivos. Este conceito parte de uma perspectiva sócio-histórico-cultural, que procura compreendê-los de uma maneira mais ampla e diversa.

As múltiplas dimensões vivenciadas pelos jovens contemporâneos devem ser analisadas a partir do contexto social em que estão inseridos, visto que eles são impactados diretamente pelas condições sociais do tempo e do espaço em que vivem. Diante do mundo complexo em que vivemos, alguns aspectos relacionados com as juventudes necessitam de maior aprofundamento, tais como: o mundo da cultura e das artes, os espaços de solidariedade, o preconceito e a discriminação, o fenômeno das violências, a autoestima e a corporeidade, as vicissitudes do mundo do trabalho, as crises com a educação, as reconfigurações nas relações de autoridade e de poder, as dificuldades de elaboração e acompanhamento de projetos de vida, entre outros.

Tais demandas merecem ser retomadas e aprofundadas nos espaços educativos e com os educadores, permitindo maior compreensão das realidades juvenis e, a partir delas, a qualificação permanente do processo pedagógico que é desenvolvido junto aos jovens. Este é um caminho que pode acontecer através da formação continuada, da partilha de experiências e do aprofundamento dos conhecimentos já produzidos sobre as juventudes.

Ao mesmo tempo em que o trabalho com os jovens apresenta-se como desafiador, podemos acrescentar que é algo empolgante. O contato e o acompanhamento que realizamos junto com os jovens podem descortinar inúmeras possibilidades e esperanças. Isso porque, como afirma Arendt (2000), eles são os portadores da novidade e da renovação.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. O Uso das Noções de Adolescência e Juventude no Contexto Brasileiro. In: FREITAS, M. V. (org.). **Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: [s.n], 2005.

ARENDRT, Hannah. **Acondição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. Tradução de Roberto Raposo; Pós-fácio de Celso Lafer.

CARA, Daniel; GAUTO, Maitê. Juventude: percepções e exposição à violência. In. ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (orgs.). **Juventudes**: outros

olhares sobre a diversidade. Brasília: UNESCO, MEC, 2007. Coleção Educação para todos, n.º 27.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como Sujeito Social. In: **Revista Brasileira de Educação**, set. / out. /nov. /dez., n.º 24, 2003.

FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto et al. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

KEHL, Maria Rita. A “teenagização” da cultura. Folha de S. Paulo, Caderno Mais, set. 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Atlas do Censo Demográfico 2010**. Documento *on-line*, 2013. Disponível em <<http://censo2010.ibge.gov.br/pt/resultados>>.

MARGULIS, Mario. **La Juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Ma. Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.) **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 105-120.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

PERONDI, Maurício. Aproximando-se das juventudes de fora do meio eclesial. In: MOTA, Rubens Nunes (org.). **Juventudes: o exercício da escuta no processo de aproximação**. Brasília: CRB Nacional, 2010.

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, M. **On the Horizon**. NCB University Press, v. 9 No. 5, October, 2001. Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/>>.

SPÓSITO, Marília P. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPÓSITO, Marília Pontes (Coord). **Juventude e Escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

URTEAGA, Maritza. **La construcción juvenil de la realidad: jóvenes mexicanos contemporáneos**. México D.F.: Casa Abierta al Tiempo; Juan Pablos Editor, 2011.

